

PASSEIO NA BEIRA-RIO

por *MARIA EMÍLIA SENA DE VASCONCELOS* *

A CAMINHO . . .

Atravesso, devagar, o velho Campo da Agonia . . . o Campo do Castelo . . . ¹ — e páro rente às cinzentas pedras deste. O dia está lindo. Apetece-me, num remançoso passeio, percorrer toda a beira-rio. Até à ponte, talvez. Ou até mais além. Depende do tempo que gastar parando aqui e ali, a relembrar o que através dos anos aqui e ali se passou.

. . . Factos que todos conhecemos mas esquecemos, — arredados, já, das preocupações ou dos simples afazeres quotidianos.

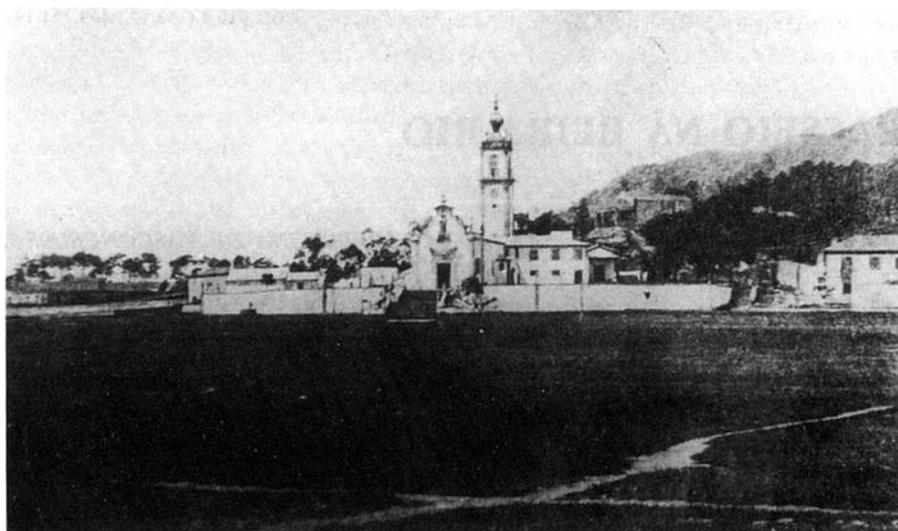
Junto ao Castelo — volto-me ainda. E, de repente, ao monte verdinho que encima a brancura do templo projectado por Ventura Terra e terminado por Miguel Nogueira (ambos minhotos, de Seixas) e diante do qual o Cristo de bronze de Aleixo Queiroz Ribeiro (outro minhoto, de Refojos) chama a si a cidade, substitui-se, para mim, o ainda pedregoso e áspero cabeça, com a anterior capelinha rasteira, «quase ajoelhada». Que uma ingénua aguarela guardada num armário da sacristia moderna nos memora. Da sacristia onde se encontra igualmente a muito velha imagem de Santa Luzia apeada do altar-mor da humilde capela.

Para lá chegar havia que pisar vagos atalhos rudes, íngremes. Só em 1890 se inaugura oficialmente a estrada actual, — datando de 1898 a primeira peregrinação ao cimo.

Na vertente, virada ao mar, no morro de Nossa Senhora da Conceição, como que diviso também as forcas remotas onde nem sei que remotos crimes se expiaram. Abaixo, mais distante e mais remota ainda esfuma-se outra pequena ermida, — a de Santa Maria da Vinha. Da qual muitos

* Escritora regionalista.

¹ . . . que, segundo Figueiredo da Guerra, era, nas eras remotas, terra de mato e penedos, como em retalhos da veiga da Areosa.



O vasto Campo da Agonia. . .

cuidam que, em deturpação, deriva o nome de Viana, da nossa urbe (que tantas outras atribuições tem tido, algumas meramente. . . lendárias; algumas. . . ridículas até!).

E de onde estou evoco ainda, mais próxima, a capelinha vincular sucessivamente chamada do Bom Jesus do Santo Sepulcro do Calvário, do Bom Jesus da Via Sacra, de Nossa Senhora da Soledade e por fim de Nossa Senhora da Agonia². Onde tanto rezou e chorou cada família dos marítimos da zona, em dias de temporal. . .

E a igreja, pequena, que lhe sucedeu (1752), depois acrescida, no comprimento, de 15 metros, para melhor comportar todos os devotos que ali afluíam. Com as suas merendas. Vindos, alguns, de bem longe. . . (E à qual se quis dar a imponência, também, de duas torres laterais, em 1856. Mas, porque a primeira ficara. . . pouco estável. . . e sem vão para o sino dobrar. . ., dez anos depois demoliram-na, e apenas uma sineira, recuada, cresceu então). Ao farol, precedido por um grande lampião na torre, a «gente dos barcos», que ele alertava, chamava dantes «o lume da Senhora» . . .

É em 1772 que, reinando D. José, a feira, no arredor, a 18, 19 e 20 de Agosto, foi autorizada. E perdurou. . . até hoje, embora vários

² Ver *Memória da Capela de Nossa Senhora da Agonia*, de J. Rosa Araújo, p. 9.

vianenses tentassem impedi-la, no termo daquele século, avisando que, com ela, «nada ganhava a religião».

— E, passando a épocas mais próximas, revejo ali, as duas correntezas de barracas de quinquilherias³, primeiro iluminadas com o «acetileno», e depois já por lâmpadas eléctricas, entre as quais passeava, à noite, a «melhor sociedade» de Viana (até ao início de Setembro: depois, cada família «ia para as quintas», só regressando quando a vindima terminara).

Atrás, sobre pequenos bancos, também com o seu bico de «acetileno», serviam café. Perto, situavam-se outras barracas com rifas, o tiro-ao-alvo, fantoches — e o circo, e o «carroussel». Ao fundo queimava-se o «fogo-do-meio»⁴. E em espaços diversos, existiram as praças de touros de madeira (a partir de 1891, e, uma delas, levantada em escassos 5 dias!). Nestas touradas sucessivamente, tomaram parte os nossos melhores cavaleiros, do Morgado de Covas, dos Mascarenhas, de D. Rui da Câmara a João Núncio e a Simão da Veiga, passando por Manuel e José Casimiro e ainda pelos dois filhos deste...⁵.

Ao espectáculo acorriam todas as famílias da cidade, também, tal como as que veraneavam em Afife, Âncora, Moledo, Caminha ou na Ribeira-Lima.

Seguidamente, cada ano se organizava ainda na Praça uma animada garraizada, na qual tomavam parte «diestros» locais (entre os quais se destacava o eng. Mena Matos, filho do presidente da Câmara, o espanhol Rufino de Miguel, filho do dono da Fábrica de Boinas, e o Torquato Teixeira, e o Jacob Vivo... e o inglês Cedric Watson, residente em Afife), «vigiados», na arena, pelo bandarilheiro Luciano Moreira e aplaudidos por sucessivos grupos de meninas «mui guapas», — as «presidentas» —, de manton e peineta... (desde 1912).

De roda do Cruzeiro, quase na embocadura da estrada da Areosa⁶, era a feira do gado, permitida por um alvará régio, sempre muito concorrida, num cenário de vozearia e poeira. A velha feira de cavalos era no jardim de D. Fernando, também consentida por alvará régio anterior (de 1670).

... Jardim onde me lembro de ver ainda, findo o fogo-do-meio, a «gente do campo» encolhida sobre os canteiros, a dormir já, envolvida em mantas. Viera até aqui a pé, e não raro de bem longe. Hoje, todos

³ Alugadas pela Irmandade desde 1853.

⁴ ... do dia central das Festas...

⁵ Por essa altura exibiu-se igualmente aqui no Teatro, a irmã deles, Mirita Casimiro, ainda amadora, de «capucha», a cantar canções populares da Beira.

⁶ Hoje desviado para junto da capela de S. Roque.

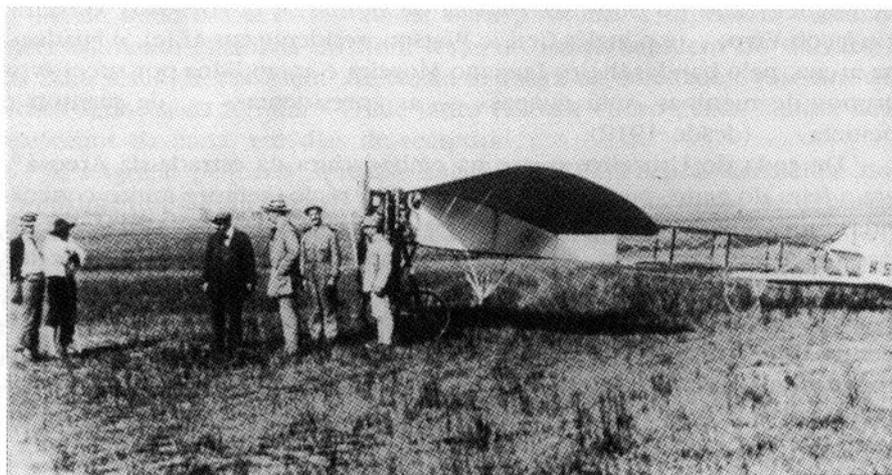
chegam e partem a par dos números do programa, nas «carreiras» ou no carro dos filhos, emigrantes em férias, na hora própria.

Limitando o Campo do Castelo, do lado do mar, havia uma extensa bancada de pedra de onde se presenciaram animadas corridas de velocípedes e um concurso de tiro, com a presença do rei D. Carlos, em 1905. E, mais tarde diversos concursos hípicas, com os então cotadíssimos capitães Elder Martins, Buceta Martins, Ivens Ferraz e outros, os civis Margarides, os vianenses Pimenta da Gama . . .

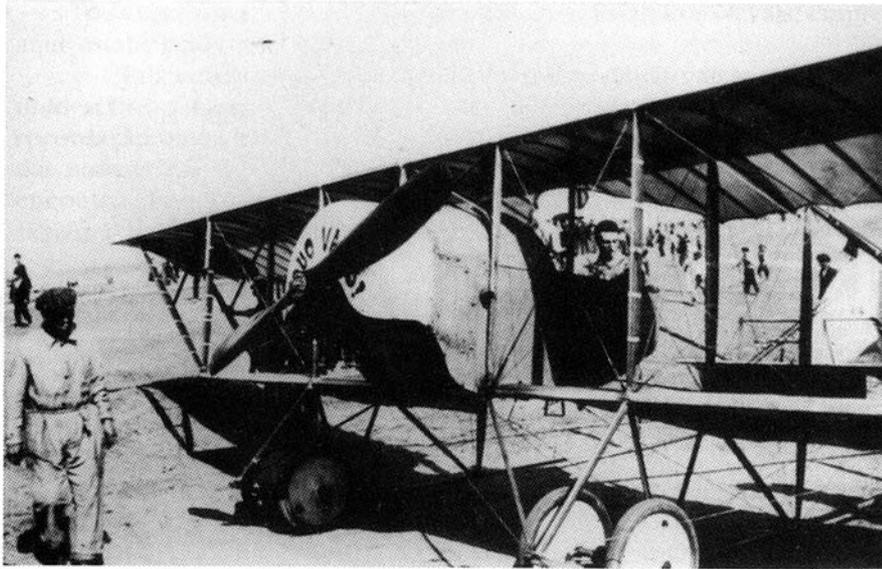
Igualmente neste espaço houve, no alvor do século, um «meeting» de . . . veneráveis automóveis. E enfim por 1925 aqui aterrou até um então muito festejado avião! Frágil, trepidante biplano, — o «Quo Vadis». Porém, à partida não tomou altura com suficiente presteza, o que fez com que colidisse nas casas baixas situadas no extremo daquela «pista». Disso nada sofreu o piloto, mas grandes danos sofreu o aparelho. (Mais curiosa, aliás, foi a experiência, em Viana, da avioneta . . . «pioneira» que, na Ínsua do Lima, tanto entusiasmou, anos antes, Sanches de Castro, Salvato Feijó, o major José Xavier da Costa, João Branco e outros companheiros, na época. — Mas dela falaremos depois!)

Mais recentemente também helicópteros ali pousavam, transportando grupos de soldados até Santa Luzia, e ali colhendo outros.

Hoje, porém . . . nem há mais soldados, em Viana.



A velha avioneta, na Ínsua.



O «Quo Vadis».

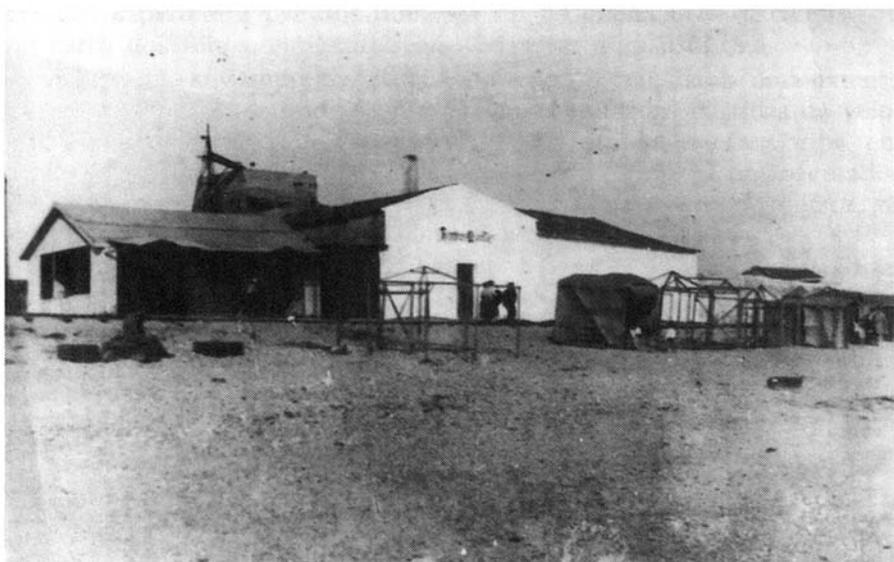
*

Dou mais uns passos, já agora, até à minha velha Praia Norte. Que só na maré alta o mar se atrevia a beijar. Em baixa-mar, dali, ninguém o via. Era um tapete de seixos rente a um patamar imenso de rochas. Nas quais, aliás, o povo se instalava — para proporcionar aos meninos franzinos os trinta banhos que o doutor receitara. . . E que cumpriam em poucos dias, mesmo nas poças que nelas achavam — a meia dúzia por dia. . .

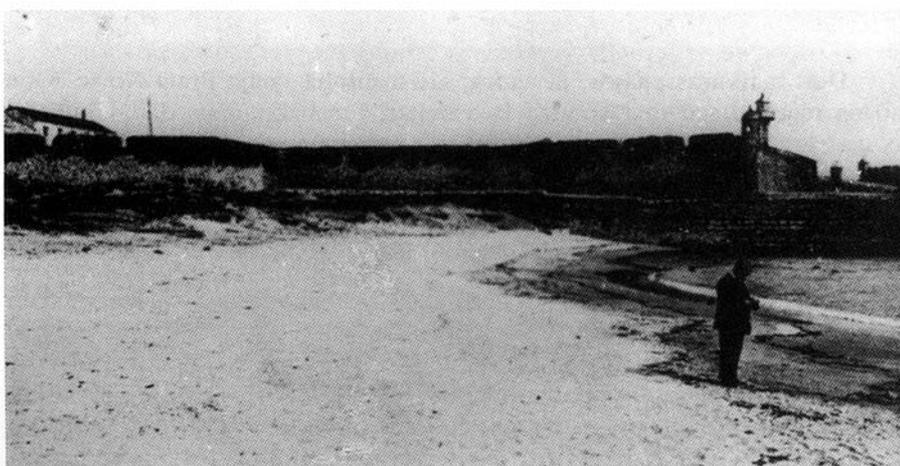
E os velhotes iam aos modestíssimos «banhos quentes» de onde saíam muito, muito agasalhados.

No entanto, também os «elegantes» do meio frequentaram, dantes, esta praia; abrigando-se nalgumas barracas de lona. E ao fim da tarde grupos de meninas (de sapatos de salto bem alto e com guarda-sol florido) e de rapazes (de chapéus de feltro e bem engravatados) caminhavam devagar até à pirâmide do extremo do Bugiu (do cais do Rapelho, para os pescadores. . .).

Alguns outros jovens, mais tarde, ensaiaram as primeira braçadas de natação dirigidos pelo dr. Vivo, então bem popular entre eles, ou do seu amigo Rogério Evangelista, na pequena enseada do salva-vidas, próxima, entre o Bugiu e o Castelo.



A Praia Norte...



A Praia do Salva-Vidas.

Toda esta zona foi por fim absorvida pelos Estaleiros Navais, empresa aqui estabelecida por 1954.

. . . Por vezes, pairava sobre ela um intenso cheiro ao sargaço, estendido sobre o campo, mais além, a secar. E como é frequente de uma recordação outra nascer, como que ouvi ainda, ao escrever isto, o cantar das sargaceiras que de manhã, bem cedo, atravessavam a cidade, ao encontro do seu ganha-pão. Alegre, em perfeitas «terceiras» (que nem sabiam o que era!), sem sequer desafinar a que lançava o agudíssimo «rabo» (a extensa nota final, altíssima na escala). — Que «bom dia» elas me davam!

«SENTINELA DA BARRA»

Mas atento enfim no nosso velho Castelo. . . agora votado a menos bélicas situações, a menos bélicos ocupantes. . .

Foi levantada a «Roqueta» em 1253 — como é sabido — pelos vianenses, à própria custa, no reinado de D. Afonso III (que à sua «pobra» impôs «de novo» o nome de Viana)⁷. O que lhe mereceu «muitos privilégios»; — (depois, gratos por tal. . . ainda se obrigaram os vianenses a pagar-lhe, e aos seus sucessores, 1.100 maravedis velhos por ano — construindo por fim, ainda à sua custa, a cerca de cantaria da urbe, com as 5 torres e as respectivas portas. . .).

Apenas humildes pescadores morariam, antes, neste ponto. Enterrando os seus mortos na primitiva e rude capelinha de Santa Catarina. . .

Passando por aqui em 1498, D. Manuel I mandou ampliar o pequeno reduto e, a pedido desta Câmara, fortificou a obra em 1567, sendo regente o cardeal D. Henrique. (E a 8 de Setembro de 1574 já os nossos rechasaram briosamente a armada francesa de 8 navios bem determinada a saquear a vila, então com fama de rica. . .).

Para esse acréscimo compraram-se, de roda, terrenos — ao licenciado Cristóvão da Rocha e a sua mulher Maria Casada, e a outros mais.

Em tempos de Filipe II é ainda aumentada a artilharia do Castelo, que de novo sofre grandes obras no todo. Por 1652 Diogo de Lima, governador das armas de Entre-Douro-e-Minho, por ordem de D. João IV, como que o reedifica (mas os primeiros trabalhos ali feitos de facto a expensas só da fazenda real e não dos vianenses foram, em 1654, o baluarte de S. Pedro, virado ao norte e o terraplano do sul).

Por fim David Calder cuida de provê-lo com melhores quartéis (1799).

⁷ Ver *Portugal Antigo e Moderno*, de Pinho Leal, de onde se transcreve esta linha do foral (vol. X, ed. de 1882, p. 398). Do seu traçado foi responsável Filippo Terzi. Ver *Filippo Terzi à luz dos documentos*, do dr. Matos Reis.

*

Desde muito pequena ouvi contar diversos episódios ligados ao Castelo . . . que decerto não há quem não ouvisse também: um, o da cadelinha da família de um 2.º sargento veterano (precisando-se até: branca, felpuda, alegre, com umas manchas pretas) que tantas vezes ultrapassou os sitiados com informações sobre eles para os sitiados, escritas em pequenos pedaços de papel entalados na sua coleira. Até que os primeiros, intrigados com as patentes delações, não tendo mais a quem as atribuir, decidiram chacinar todos os cães que por ali vissem! E acabaram por chacinar, então, aquela cadelinha também, privando assim os do Castelo até daquele «veio de transmissão» . . .

O segundo bem conhecido episódio é o da morte do tenente Jacinto Mendes de Oliveira, conhecido pela alcunha de «Pinotes». Quando uma noite fazia a sua ronda, prostrou-o uma bala, entre os olhos. Constatou que um dos seus próprios homens o alvejara, desejoso de uma rendição que faria cessar as enormes faltas de tudo que sofriam. Rendição, no entanto, que o Pinotes não admitia . . . Constatou igualmente que alguém de fora, sabendo que ele fazia sempre aquela ronda, espreitando às vezes, de certa fresta, o terreno próximo, aproveitara esse hábito para sobre ele disparar (de arrepiar é a descrição dos tratos dados depois ao seu cadáver, arrastado pelas ruas e enterrado enfim, irreconhecível, no adro da igreja das Almas . . .)⁸.

Um terceiro episódio da mesma época não teve remate mais feliz, embora custasse três vidas . . . Privado pois das informações trazidas pela já referida cadelinha, o governador do Castelo prometeu a dois soldados que sabiam nadar o posto de 2.º sargento caso fossem até ao barco inglês então fundeado no Lima, o «Jakall», com uma mensagem sobre a situação, e pedindo auxílio de outra tropa, a entregar ao seu comandante. Era porém tão forte a corrente que logo um retrocedeu e o outro foi por ela arrastado para o largo . . .

No lugar destes propuseram-se então para tentarem contactar, na vila, o cônsul inglês, o tenente Vale e o alferes Carmo. Partiram, na vazante, a pé, rasando os penedos . . . Não mais se soube deles.

⁸ Uma notícia que respigo de um velho número do jornal *Aurora do Lima* (1911) esclarece que morreu no Brasil, com 76 anos, na cidade de Mocóca, Estado de S. Paulo o vianense João Mendes de Oliveira Brandão, comerciante e professor, que para ali fora aos 17 anos e «era filho do legendário governador do Castelo de Viana Jacinto Mendes de Oliveira».

A terminar, mais um relato — e este, por último, com feliz epílogo. No Cais do Cabedelo (concedido por D. Pedro II, e construído pelo engenheiro militar Miguel Lescol, graças a uma «finta» obtida no Brasil), achava-se agora fundeado outro navio inglês, o *Flora*, a receber um carregamento de milho de Glasgow. Havia que aproveitar a oportunidade para nova tentativa . . .

Então o alferes José Domingos de Andrade (que já se atrevera antes, descendo da Roqueta por uma corda, a levar cartas, num barquito, ao cônsul inglês, por três vezes), na falta agora de barco usou meio diverso para cumprir essa tarefa.

Com várias tábuas, ele e um coronheiro de Infantaria 9 fizeram uma amassadeira calafetada com trapos, lançaram-na à água, e nela tomou lugar o alferes (que ainda por cima, dizem, nem sabia nadar . . .).

Nessa noite — de 14 de Abril de 1847 — soprava forte ventania e caíam aguaceiros. Logrou porém o alferes fazer-se ao largo e subir pelo outro lado do rio até atingir o *Flora*. Que no dia seguinte partiria para o norte.

A amassadeira, no entanto, levada pela maré que subia, foi de manhã encontrada por gente da vila . . . e levantou suspeitas. — Mas o cônsul inglês opôs-se a qualquer busca no *Flora*. (A muito este se arriscou, por vezes!)

O barco, aliás, por alturas de Âncora, mudou de rumo — e a 17 fundeava no Tejo (!), indo então o alferes entregar ao Ministro da Guerra a mensagem que lhe fôra confiada.

Tal feito valeu-lhe (mais tarde, e depois de bem confirmado de cá, pelo seu comandante, o major Francisco Melquíades da Cruz Sobral) o oficialato da Torre e Espada⁹.

*

Não me alongo pela história do Castelo em pormenor. Já outros o fizeram, e seguramente melhor do que eu saberia fazê-lo! Neste passeio registo apenas o pequeno facto, o pequeno acontecimento que, como um «flash», resume em si o duro drama, o teimoso esforço, a evolução dos costumes, a mudança de qualquer cenário. De resto . . . a minha meta, por agora, era a beira-rio. Mas tropecei, no caminho, com esta ou aquela lembrança . . . Não importa. Adiante.

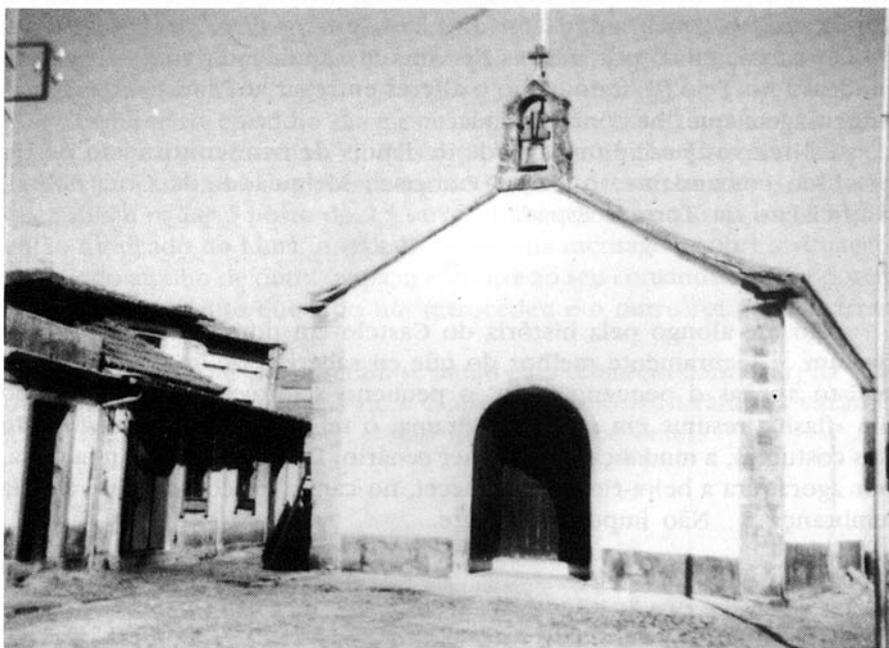
⁹ Ver *Portugal Antigo e Moderno*, de Pinho Leal, vol. X, pp. 421-422.

NA RIBEIRA

Abaixo, na pequena praia dos pescadores, avistando já o casamento das águas do Lima com as do mar, vejo ainda alguns barquitos, com os remos adormecidos sobre o seu colo de tábuas. Com as proas luzidias, onde os seus nomes, ali inscritos, continuam a ser uma prece à única força que reconhecem superior à do oceano: a divina. Nome que, antes de o afrontarem, lhes era dantes imposto com um raminho colhido em S. Francisco do Monte e molhado na água benta paroquial. . .

Barquitos que sempre se integram ainda cada ano no cortejo que leva até à barra, em traineiras floridas, as imagens tutelares da Senhora da Agonia e da Senhora dos Mares, enquanto noutros, que os seguem, toma lugar quem quiser — sem que os seus mestres cobrem a ninguém um só centavo pelo «passeio» . . .

E no regresso, em procissão, torna cada imagem ao seu altar nos andores que sustentam os ombros xadrezados dos pescadores, de camisas novas. Através da Ribeira, onde as casas se adornaram com redes e boias, e as ruas com passadeira de pétalas ou ladrilhos de serrim colorido . . .



A capela de Santa Catarina

. . . Bairro que estremecia com o som da ronca em noites de nevoeiro — e que porfia em ser tão grato e enternecedor ainda, na sua fé quente, nas vésperas, já, do século XXI!

Para trás ficou a igreja de Santa Catarina, concedida por Filipe III, em Outubro de 1610, ao desespero daquela gente humilde — espoliada da primeira dessa invocação, absorvida pelas obras no Castelo — e junto da qual dormiam os seus maiores. . . ou os próximos, que o mar enredara e, seguidamente, devolvera. (No Castelo subsistiu uma capela, mas dedicada, agora a S. Tiago).

Bairro de famílias fielmente atidas à profissão: a dos Lombas, a dos Cadilhas, a dos Chevarria e outras, onde resta sempre alguém pronto a substituir o pai ou o irmão perdidos. Sem receio. Sem hesitação.

. . . Bairro onde a «Zefa Carqueja» serviu, tantos anos, as suas preciosas iguarias, como a «santola no carro». Bairro de onde partia de manhãzinha, inudando a cidade, a vaga alegre dos pregões das vendedeiras de peixe. Bairro, enfim, onde o culto eng. José Luís Silva Dias habita e que crismou de «meu bairro da Caramuja», desafiando desdens alheios¹⁰.

*

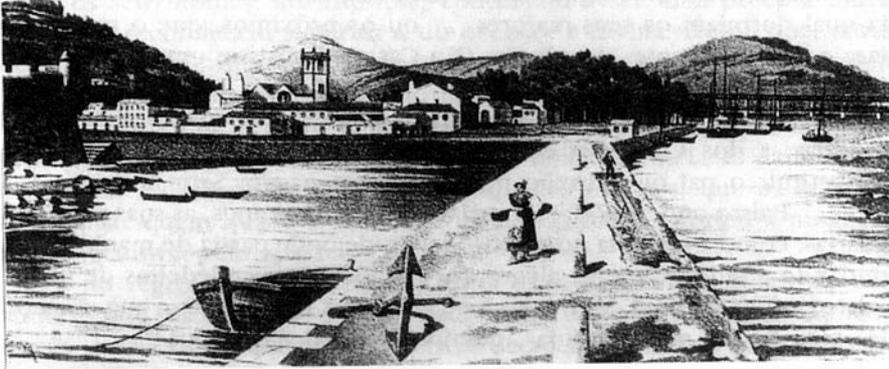
Eis-me, agora, no Cais da Dízima¹¹, deixando para trás o do Fortim. (O movimento de areias, na barra, aliás, sempre prejudicou muito este «porto florescente», gabado por Fr. Luís de Sousa¹² e que no séc. XVI foi, na verdade, considerado o melhor do país, depois do de Lisboa). . .

E junto do Cais da Dízima foi delineado o primeiro Jardim Público de Viana. Com um lago central, canteiros, bancos, ruas cuidadas e árvores a facear toda a sua extensão. Porém. . . nunca logrou o agrado dos vianenses: a tão próxima vizinhança do mar tornava-o húmido, ventoso. . . De forma que poucos lamentaram que, seguidamente, a construção (controversa, de resto) de uma doca, ali, roubando-lhe muito terreno, o viesse a destruir. Controversa porque, segundo escreve Figueiredo da Guerra, fazendo-se eco de outras vozes: «a doca em construção parece-nos um trabalho inútil, ou antes, um sorvedouro de dinheiros sem proveito; melhor fora canalizar o rio entre dois extensos cais desde a ponte do caminho de ferro e formar um ancoradouro seguro no Cabedelo».

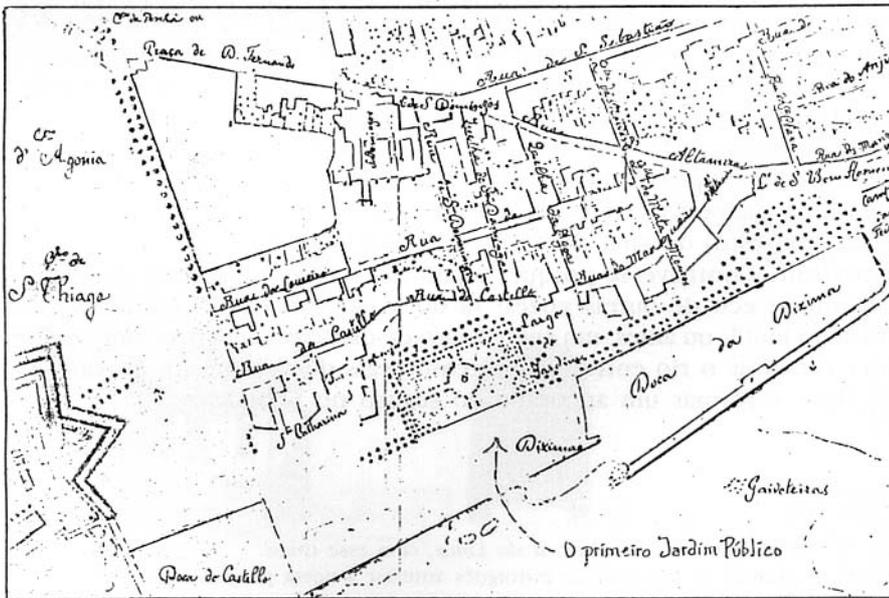
¹⁰ Artigo publicado no *Aurora do Lima*, com esse título.

¹¹ A dízima. . . um imposto português anterior à nossa própria monarquia. . .

¹² Tanto que Viana, por 1600, tinha no mar 70 navios e por 1880 apenas 60 barcos de pesca, 3 de vela de alto bordo e uns 7 costeiros.



O cais, com o arvoredo do primeiro Jardim Público, ao fundo.



Pequena carta da velha Beira-Rio.

Dirigiu a obra da doca o eng. militar João Tomás da Costa (depois, também aqui, director das Obras Públicas). A bacia foi aberta em rocha viva, trabalho em que se empregou «um formigueiro de gente», removendo-se todo o entulho dentro de cestos, à cabeça de mulheres. . . Por 1904 tudo se achava concluído.

No canal de acesso, por 1896, uma «equipa» de franceses colaborou, usando, para o rasgar, uma «caixa de ar comprimido». Chefiava essa «equipa» o eng. Rémy — que muito amigo ficou de João Tomás da Costa.

Mais tarde, sob a direcção do eng. Carvalho da Assunção, a doca é ampliada. E em 1914 cria-se a Junta Autónoma das Obras do Porto de Viana — que em 1931 lhe imprime enfim sensivelmente a sua feição actual.

(Quando era criança, lembro-me ainda de parar junto do seu gradeamento e de ver, dentro, sonolentos cargueiros, à espera da carga. Entretanto cá fora as mulheres da Ribeira, na mira de mais uns patacos, paravam também por perto, chamavam a atenção dos não menos sonolentos tripulantes e, esfregando as mãos uma na outra, pediam-lhes a roupa suja, para a lavarem. Dizendo apenas: «Wash? wash? . . .»).

Passo pelo largo hoje chamado do Infante D. Henrique — e, aqui, evoco o desaparecido Mercado de Peixe, devido a Pena Gonçalves. Com estrutura de ferro e bom gradeamento. . . Grande melhoramento. Que, dantes, ele era vendido nas desaparecidas arcadas do actual Hotel Aliança, o que, para todos os vizinhos, era muito desagradável, pelo cheiro e falta de limpeza; seguidamente, então, a Câmara fê-lo transitar para um barracão. . . provisório, à entrada do Jardim Velho (1883)¹³. E finalmente facultou-lhe o dito benemérito uma instalação adequada neste largo, em coberto, pois, arejado, e com mesas de mármore facilmente laváveis. Há muito, porém, demolido.

Adiante, deito um olhar à casa, moderna, da Capitania do Porto (1932). E perto, mais interessada, atento na antiga, estreita, atarracada Casa do Pescado, com a sua porta de volta redonda; com o gasto denteado, não muito banal, na pedra das duas janelas do único andar. Também designada por Casa da Falua. (Sobre isso ensina-nos Figueiredo da Guerra que nesta casa eram cobradas as velhas dízimas das pescarias, nela residindo os «juizes do pescado». E um deles era pai de uma jovem, D. Catarina Gomes de Lima. Bem conhecida no bairro. E que tinha essa alcunha, de Falua. . .).

Foi ainda aqui, na rua do Marquês¹⁴, que nasceu uma onda de desacato contra os franceses. A 10 de Abril de 1809 um leigo capucho, de

¹³ Barracão depois ocupado pela CUF.

¹⁴ . . . do marquês de Vila Real. Foi no local dessa residência que se construiu a citada Capitania do porto, seguidamente.



A Casa do Pescado.

uma janela da moradia, ali, dos Calheiros Bezerra, verberando contra aqueles, «chamou o povo às armas». Juntou-se, diante, muita gente, de facto irada. Que arrancou um canhão de ferro encravado no cais e se dirigiu aos Paços do Concelho...

Tocou a sineta para se reunir o Senado. Mas estava doente o Governador de Armas. Foi então intimado o Juiz de Fora a assumir «a defesa da terra». Este... alvitra que a Junta Provisória não deve ser coagida a nada desta forma... que melhor seria abordá-la pessoas calmas, de maior autoridade...

A pequena multidão ouviu-o... serenou... e dispersou-se, dando vivas... à santa religião!¹⁵

Mais além ainda, numa das várias casas modestas do sítio desaparecidas também, morou, muito mais recentemente, outra mulher «destacada»: a Lola; espanhola «salerosa» que com o marido, o actor Domingos, dirigia uma companhia itinerante de teatro, cujo guarda-roupa e cujos cenários aí

¹⁵ Ver o *Serão*, n.º 147, de José Rosa de Araújo.

guardavam. E que actuava mais à beira do rio, num recinto coberto onde balançava a pomposa tabuleta: Teatro do Actor Domingos (por 1920) . . .

Ao dr. Luís Cirne de Castro, que residiu no prédio imediato e muito bem conheceu o «Paulino», tipo então muito popular na zona¹⁶, ouvi que neste «teatro» se recolhera, anteriormente, o caique «Rio Lima», utilizado na fiscalização desta orla costeira, e que acabou por apodrecer atracado na doca. E do qual esse Paulino era um dos encarregados, então.

(Igualmente na embocadura da rua de Olivença¹⁷ existiu, numa espécie de coberto de cimento, uma «lanterna mágica» exibindo, entre outras projecções, passagens da vida de Joana d'Arc . . .).

Tradicional bairro da Ribeira! Onde ainda por 1914 se acarretava em cortejo o pinheiro destinado às fogueiras do S. João (também assim celebrado, de resto, na Portela, na Bandeira, na Abelheira). E onde igualmente se queimava sempre «o Judas», ao findar a Semana Santa, no Campo do Castelo, com maior pompa . . .

*

E passo ao Largo Vasco da Gama. Antes chamado «de Santo Homem Bom» (ou de S. Bom-Homem), quando ainda ali não existiam nem o chafariz de Mercúrio nem o Hotel Viana Sol (instalado no edifício da velha firma Lind & Couto). Também aqui, na antiga casa dos condes da Barca, se instalou o armazém de bacalhau de outra firma inglesa, a Hunt Roope Teage and Co.¹⁸. Satisfazendo os vários subditos de S.M. britânica que mantinham estes negócios aqui, ou que tripulavam os barcos que eles aqui atraíam, na rua do Cais, a dois passos, abriu até um estabelecimento que vendia biscoitos e muitos outros artigos ingleses . . .¹⁹.

E foi ainda neste largo, na casa onde havia uma pequena capela da invocação de Nossa Senhora das Necessidades (depois comprada pelo vianense José Pereira Campos), que provisoriamente se acomodaram as primeiras Carmelitas chegadas à urbe — a princípio aboletadas no mosteiro

¹⁶ Depois polícia e durante muitos anos ordenança dos governadores civis . . . mas sempre, por muitos, alcunhado de «Rio Lima» . . .

¹⁷ Que — era eu pequena — teve o nome de Travessa das Noivas. E, antes, o de Quelha do Mata-Mouros. Mas não sei de que personagem, lendário ou não, este derivava . . . Segundo José Caldas, seria apenas memorando um apelido nobre do velho Portugal . . .

¹⁸ Desta última proveio a designação de «Tiges» dada depois àquela zona . . . Lembro-me bem de uma recadista da minha avó, a senhora Ermelindinha, dizer ainda: ela sempre morou ali p'róis Tiges . . . ele nasceu numa casa dos Tiges . . .

¹⁹ Ver «Viana vista por um inglês nos começos do séc. XIX» no *Arquivo de Viana do Castelo*, pp. 266-270.

de S. Bento (Outubro de 1780), durante uma semana. E que em Junho de 1785 se mudaram então para o seu convento definitivo (o último fundado na vila), na rua da Bandeira.

O sino do seu campanário, aliás, logo acompanhou o primeiro rebate ouvido neste arredor quando da invasão dos franceses (20 de Março de 1809). O que fez com que logo a comunidade embarcasse para Lisboa, conforme ordens que tinha. Não logrou porém o barco fretado sair já além da barra, devido à possibilidade de o atingirem os tiros que já começavam a crepitar do lado do Castelo...

Arribaram por fim ao Tejo a 26 de Março (embora sem leme, perdido pela altura do Cabo da Roca). E só a 27 de Junho, afastados de cá os franceses, elas volveram (com um religiosa a menos, que já abalara doente e morreu precisamente ao cruzarem de novo esta barra...).

Nenhum dano sofrera entretanto o seu convento... ao contrário do que se deu com outros que as comunidades não haviam desamparado.

Talvez devido à generosidade dos prósperos comerciantes do sítio, foi este muito do «agrado» dos carenciados de várias épocas. Assim, por ali se via às vezes o «Zé das Pinhas» (a quem uma vez por ano o mulheiro da Ribeira dava banho na fonte do Castelo, entre galhofeiras considerações, como conta Amadeu Costa); ou o «Albaninho da Ribeira», sineiro de S. Domingos (que dormia num gavetão da sacristia desse templo — mas não mendigava); ou a Maria dos Jerónimos — ou Maria dos Sobreiros, os dois nomes lhe davam —, magra, de curta grenha ruça e velha manta sobre os ombros (que também não pedia esmola mas, se alguém lha dava murmurava, guardando-a, um vago «agardecida... agardecida...» sem erguer os olhos, teimosamente postos no chão, e logo prosseguia, cantarolando: «Zumba, zumba, zumba, olé... zumba na barra da sa-i-a...»; ou, enfim, a Rosa Tirana, anã gorda e abandalhada, que, essa, não se coíbia de estender a mão a quem sabia «senhor de muitos cabedais». Ora num dos lados do largo, vizinhos da casa dos Pereira Campos, eram os escritórios da florescente Empresa de Pescas... onde, segundo ela, havia dois senhores «esmoleríssimos»...

E durante a anual procissão da Senhora das Candeias os devotos eram, como eles, muito generosos²⁰.

Que na capela de Santo Homem Bom, de resto, a sua imagem estava, até, no altar-mor, muito venerada sempre, entre a de S. Miguel (osten-

²⁰ Apesar dessa «generosidade» dos negociantes e da sabida «generosidade», também, da «gente da Ribeira», quando das velhas «Festas da Flor» e outras colectas, certas meninas da cidade preferiam não ir para esse bairro... Que no centro sempre havia «gente do seu meio» para dois dedos de conversa ou um café repousante...



A igreja de Santo Homem-Bom.

tando uma cartola . . . mundana) e a de Santo Homem-Bom, segurando uma enorme tesoura (era patrono da confraria dos alfaiates)²¹. De cada lado uma pintura, representando o seu nascimento e a sua morte . . .

A dita confraria, constituída em 1621 levantou este pequeno templo junto à desaparecida Fonte dos Tornos e não noutro local sugerido pela Câmara (acima da Porta de S. Filipe, no termo da actual rua de Gago Coutinho) «por ser este sítio conveniente e muy necessario para poderẽ ouvir missa assi m^{es} da terra como mareantes estrangeiros por ficar beymar e longe das mais ermydas que ha»²².

(Mais tarde, por causa das obras da doca, foi pois aterrada a Fonte dos Tornos, engastando-se na parede externa da capela as pedras que a encimavam — com a esfera armilar, a coroa e a cruz de Cristo)²³.

. . . E despeço-me, por agora, deste largo. Evocando ainda, no seu espaço vazio, os «engenhos», cravados no chão, paralelos ao gradeamento da doca, onde os Gandara torciam e retorciam as suas extensas cordas. Evocando ainda a «má fama» que dantes emprestava ao local a «ostentação bem pouco sacerdotal daquele Alpedrinha avariado que oferecia,

²¹ Ver o livro de Amadeu Costa *Andar às vozes*.

²² Ver certidão do cabido, cap. 7, e *Elementos sobre a capela de Santo Homem Bom*, de José Roberto Queiroz.

²³ Para essa fonte se descia por dois degraus . . . já muito gastos, parece, por ali rachar lenha e afiar os machados um oficial da vizinhança . . .

ali, a sua própria casa a quem quisesse aproveitar largas noites de banca . . . a que toda a nobreza concorria», segundo José Caldas na sua *História dum Fogo Morto*.

E evocando enfim, ao fundo, no princípio da rua de Altamira, a casa de João Loureiro Afonso (depois, uma fábrica de moagem), onde ficaram os jovens infantes D. Luís e D. Augusto quando da visita que a Viana fizeram em 1872, enquanto a sua comitiva pernoitava nas salas da Assembleia Vianense, ainda sedida na actual rua Manuel Espregueira, no prédio seguidamente ocupado pelo Banco de Portugal.

. . . E lembrando, abaixo, a infeliz Casa dos Campener, tal como era, sem o lamentável acréscimo de um andar semelhante ao «andar nobre» (o único de janelas bem «majestosas» nas fachadas do seu tempo), consentido já neste último terço do nosso século . . .

. . . E também mestre «Zé Pedro», o persistente organizador da Escola de Música da Câmara onde tantos dos nossos «miúdos» ensaiaram as primeiras escalas nas suas «flautas de Biesel»; escola que esteve instalada noutra velha casa — a dos Cunha Lobo —, à esquina da rua de Santa Clara . . .



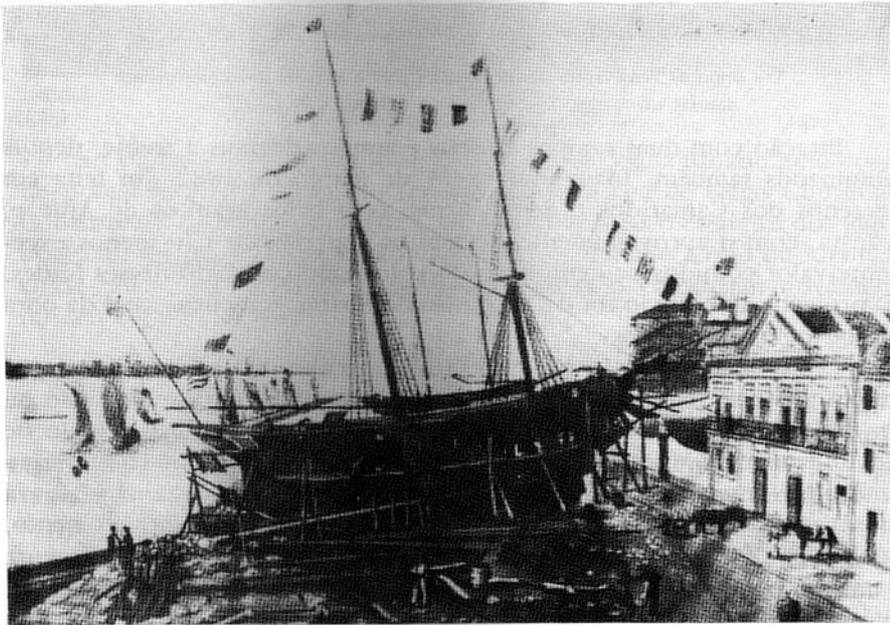
O velho Largo de Santo Homem-bom.

E enfim toda a hera verdinha, lustrosa, que revestia toda a parede da já citada casa da Empresa de Pesca antes da sua ampliação sobre o largo, e que com a sua frescura tanta graça dava a todo aquele ambiente . . .

NO CAMPO DA FEIRA

E páro, seguidamente, no Campo da Feira — hoje Largo 5 de Outubro — onde ainda avulta a nobre Casa dos Vilas-Boas. Diante da qual ainda se construíram barcos: do patacho «Árabe», em 1856, ao lugre »Rio Lima», em 1920 . . .

Depois, duas ruas estreitas, intervaladas por pequenos prédios, davam acesso à beira-rio²⁴. O rasgamento da Avenida dos Combatentes, por 1917, eliminou essa sequência. Abrindo logo à vista de quem deixa a Estação do Caminho de Ferro o horizonte das águas calmas e dos pinheiros da outra margem . . .²⁵.



O «Árabe» junto à Casa do Campo da Feira (quadro do Museu).

²⁴ As do Salgueiro e de S. João.

²⁵ Hoje substituídos por banais construções de cimento, a avizinhar o moderno porto . . .



O Campo da Feira, antes das demolições para a Avenida dos Combatentes.

Estação com duas rampas laterais e amplos degraus à frente, depois eliminados também. Inaugurada a 25 de Março de 1882, foi feita em terrenos dos Camaridos e dos Crúzios, com belos granitos de Afife e, consta, com o aproveitamento de muitos materiais de não menos excelente valor colhidos na demolição do já iniciado convento desses frades. O projecto do edificio foi do eng. Alfredo Soares, e o custo total da obra orçou pelos 60 contos. . .

. . . E, além do mais, a estação tinha, no alto, um relógio. Pelo qual muita gente se regulava depois — mesmo que outro tivesse no pulso ou no bolso. Os seus maiores pautavam os afazeres pelo idoso relógio de sol do cunhal da Misericórdia. Depois, na torre da Matriz, por 1629, surgiu um relógio mecânico (substituído por outro em 1723) que já não falhava nos dias sombrios, mas . . . que se atrasava ou adiantava conforme o vento, vindo deste ou daquele lado, empurrava os ponteiros! Seguidamente também houve relógios nas torres de S. Domingos e do Carmo (este, até, soando nos quartos de hora). Somente nos vários pontos da urbe também do sentido do vento dependia que a voz de cada um deles fosse melhor ou pior ouvida.

Este . . . afigurava-se «de mais confiança», próximo, moderno, responsável por se apanhar, pontualmente, o comboio . . . e, sobretudo, tinha o quadrante iluminado, à noite.



A Estação dos Caminhos de Ferro com os primitivos acessos.

No Campo da Feira situou-se o Chafariz de Viana (doado pelo conde de Bobadela e, de início, no termo da actual rua de Gago Coutinho). Construindo-se porém diante da Casa dos Vilas Boas o estaleiro dos lugres de 1920, transferiram-no então dali para o acanhado Largo de Altamira. Onde esteve muitos anos. E só recentemente o colocaram novamente no seu local primitivo ²⁶.

*

Aproximando-me da lingueta que do largo baixava até ao rio recordo-me agora que a ela acostava o pequeno «gasolina» que no verão, cada manhã, me levava à praia do Cabedelo. — Colhera esta, esquecida a Praia Norte, a preferência da nossa geração. — E chamara até a atenção de um grupo de vianenses que lhe descobrira condições de futura valorização turística. Que os levou mesmo a constituir uma «Empresa de Melhoramentos da Praia de Viana», com sede provisória na Praça da República,

²⁶ Ver no volume dos *Cadernos Vianenses*, na secção «Objectiva Barrista» de Francisco Vasconcelos, essas diversas localizações deste chafariz.

62. Em 1932, à cabeça, tinha o eng. Alberto Vilaça, o dr. João Rocha Páris, a direção da Junta Autónoma das Obras do Porto . . .

Que próximo dos marcos de sinalização da barra, nas dunas construiu então o modesto edifício envidraçado baptizado de «Casino», com algumas mesas, bancos, e um pequeno bar, dentro; e umas cadeiras «à aviador» e alguns guarda-sóis coloridos na reduzida «esplanada», à frente. Mas enfim, ao menos, no areal, havia toldos, banheiro-nadador, poste indicador de correntes menos remançosas . . .

E o «gasolina» para a travessia do rio, já constituía um progresso, igualmente. No entanto . . . se a maré estava demasiado baixa era necessário, às vezes, ir ao seu encontro palmilhando a doca até ao avançado posto dos pilotos! enquanto o barco a remos do «Mudo»²⁷ ou, anteriormente, o do «Lérias» logravam sempre chegar-se à «lingueta».

(De resto, contou-me a minha sogra que, «no seu tempo», foi aconselhada pelo médico a tomar também uns banhos de mar. Então, levantava-se às 5 e meia da manhã, partia com a mãe ou com alguma velha amiga, para aquela deserta praia, também num fretado barquito a remos; entrava na água — gelada! — pela mão do banheiro, de longo «vestido de banho» azul escuro fitado a branco; e regressava logo a casa, onde já às 8 a esperava uma chávena de leite bem quente . . .).

No cais do Cabedelo esperávanos por vezes o banheiro do nosso tempo, o Francisco, que nos ajudava a desembarcar. Conhecedor de todos os namoricos do verão, segradava então, cuidadoso: — Ande menina, ande menina, que «ele» já cá está há muito . . . Veio no barco anterior. E não se faz esperar um homem!²⁸

A mulher, a Rosa, ainda levava a mergulhar alguns meninos, sorridente e calma. Tal como a senhora Rita da Praia Norte. Mas a maioria deles, agora, já avançava para a água sem hesitações, com total independência!

(Onde foram parar, entretanto, as meninas dos Asilos ou os garotos do Orfanato que, em filas disciplinadas, passavam pelas ruas a caminho da Praia Norte, a tomar banho dando, esses, as mãos, um por um, à senhora Rita? . . .).

²⁷ Este «Mudo» era outro conhecido tipo popular, que conseguia — sei lá como! — saber antes de ninguém as «novidades» da terra, que, por gestos, depois transmitia, pelos cafés . . . Morreu, internado na Caridade, não há muito.

²⁸ Lembro o Francisco com saudade. Mais tarde, tornando ao Cabedelo já casada e com filhos, vi uma manhã um vulto caminhar de longe para nós: «Menina, ainda bem que a topo. Para dizer-lhe adeus. A Rosa morreu este inverno. Os nossos três rapazes estão na França. Vou ter com eles . . .». De olhos húmidos, trocamos um abraço, e ele tornou para Amorosa . . .

. . . No «meu tempo» já não estávamos no Cabedelo vigiadas, cada dia, por mães ou tias. Já nadávamos com os rapazes . . . como os rapazes, não raro. Já os «maillots» (embora ainda . . . moderados), haviam vencido os mais teimosos preconceitos.

Por perto foram surgindo o restaurante «Raio Verde», a «Orbitur», o parque de campismo, o «Luziamar». Em dias mais recentes, no entanto, o novo porto de mar «afastou» a zona do areal dos banhistas. O «Casino» foi demolido. O cenário mudou.

No regresso, e rente, de novo, à doca, penso que também ali aprenderam a nadar várias gerações de rapazes de Viana. Tendo como professores (os de épocas menos remotas . . .) o jornalista Severino Costa, Abílio Guerreiro, Amadeu Costa e tantos outros amigos . . .

PROSEGUINDO . . .

O longo renque de casas que se estendia da esquina do velho Hotel Águia de Ouro (depois Hotel Aliança) até à Capela da Vitória descansava dantes sobre uma arcaria com 17 vãos — a maioria dos quais se acha hoje fechada. Era pois aí que, como referi atrás, as antigas peixeiras vendiam o seu peixe²⁹.



As arcadas no antigo aterro (quadro do Museu).

²⁹ Também as muito antigas padeiras vendiam o seu pão, de manhã, sob as arcadas dos Paços do Concelho, no Campo do Forno.



A pedra do prédio do Hotel Aliança.

O Hotel Águia de Ouro não excedia o espaço que decorria da esquina até à longa pedra lavrada engastada na parede, onde, sob os símbolos da realeza, num dístico, se lia: «Pertencem / os baixos ao público / os altos ao particular / 1798». Geria este hotel, por 1879, Manuel da Silva Coelho³⁰ Não era careiro, mesmo para o tempo: diária completa, 1.000 réis, um almoço, 300 réis; um jantar, 500 réis. . .

³⁰ Já, porém, em 1857 ali se recebiam hóspedes, com a designação de «Águia», apenas, na tabuleta. Orientava então a casa Maria Luísa Marrocos; e, seguidamente, dirigiu-a uma filha sua, Teodora, conforme se lê num *Serão* de José Rosa de Araújo.

Por 1905 o seu dono é Domingos Araújo (por alcunha: o Pepino, devido à sua pequena mas volumosa estatura)³¹.

Na fracção imediata do prédio morou o general Silva Monteiro, casado com uma das filhas de Sebastião Neves, o homem que estendeu por todo o norte (e além...) a sua rede de diligências. (A sua outra filha casara com o poeta Guerra Junqueiro, que foi, aqui, como se sabe, secretário geral do Governo Civil, e deputado por este círculo em 1880 e 1887).

E na seguinte casa desta sequência (conhecida por «casa amarela») morava, enfim, D. Rita de Cássia Norton Tavares Resende, casada com José Mendes Ribeiro, capitão (em 1836) do Batalhão dos Voluntários de Viana³². Simpatizante com a política do cônsul inglês já mencionado, foi ela quem um dia partiu daqui para o Castelo a pé, rodeada apenas por algumas amigas, a pedir clemência para muitos dos que apoiava, ali detidos após os incidentes de 21 e 22 de Outubro de 1846.

Pela rua, porém, outras mulheres foram engrossando o grupo, e ainda se lhe juntaram vários franciscanos de cruz alçada, numerosos carmelitas, homens de opa e o próprio abade de S. Domingos com o Santíssimo, cantando o «Benedictus»...



O local, antes de alargado pelo anterior aterro.

³¹ A mesma alcunha coube à sua descendência, Toda, aliás, inteligente e destacada, mesmo fora do seu meio.

³² O marido de D. Rita veio a ser também cônsul de Inglaterra aqui (1851). Ver *A Patuleia no Alto Minho*, de Francisco Cirne de Castro.

Ao vê-los a própria multidão adversa comoveu-se . . . e os presos foram soltos. (Aos eclesiásticos que caminharam de cruz alçada, para o Castelo, foi depois atribuído o Hábito da Ordem de Cristo, por decreto de 28 de Janeiro de 1848. A maioria, porém, declinou a graça. Uns, por modéstia, de facto; outros, constou, para não dispenderem o custo dos direitos da mercê)³³.

*

Por detrás deste edifício corria a velha rua do Cais³⁴, com residências, também, ricas de História . . . ou Lenda.

No primeiro caso está, talvez, a casa dos Pitas, onde se diz ter pernoitado o Prior do Crato quando esperava por um barco inglês que deveria levá-lo enfim para longe . . .³⁵.

No segundo caso situo a que descreve José Rosa Araújo num dos seus «Serões»³⁶, embora quem lha contou garantisse a sua total veracidade: alugou uma família de Viana naquela rua uma moradia já antes habitada por diversos comerciantes . . . sucessivamente falidos. Riu-se o novo inquilino quando o informaram da fama, que lhe atribuíam já, de «dar azar» aos que lá estavam. Mas de facto a certa altura começou a vida a correr-lhe menos bem . . . começou a família a queixar-se de achar coisas fora do seu lugar, ou de ouvir ruídos enervantes, inexplicáveis. E como um amigo o aconselhasse a recorrer ao padre Martins Branco — «que não se ria dessas coisas» —, ele assim fez. E considerou o padre que haveria porventura espíritos a sofrer, por perto . . . e logo leu umas orações adequadas ao assunto . . .

Depois, mandou esvaziar um poço, na cave, e levantar a soleira de uma porta, nas traseiras. Com pasmo, viu-se então que sob esta pedra jaziam tíbias e mais ossos humanos! Que, parece, foram removidos, seguidamente, para «terra sagrada». Por acaso, pouco tempo volvido morreu o padre Martins . . . mas o inquilino que a ele recorrera não cuidou de esperar pelo resultado daquela exumação, e mudou de casa o mais depressa possível . . .

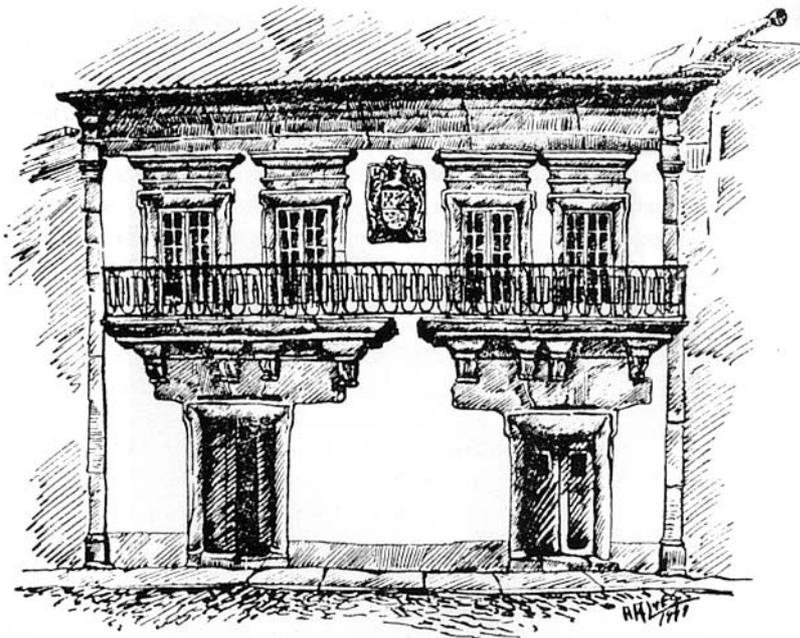
Nesta rua, de resto, morou, ainda, a família dos Barretos (em residência não bem identificada), que se tornou conhecida pelo «génio confli-

³³ Ver *Portugal Antigo e Moderno*, de Pinho Leal, vol. X, p. 422.

³⁴ Hoje chamada, até certa altura, rua de Viana; depois, rua do Prior do Crato.

³⁵ Consta que também no Paço de Anha, como noutros sítios, se acoitou por cá. Porque não? . . . Neste igualmente?

³⁶ Número 219, de 13 de Março de 1975.



A casa da Rua do Cais onde consta ter estado o Prior do Crato.

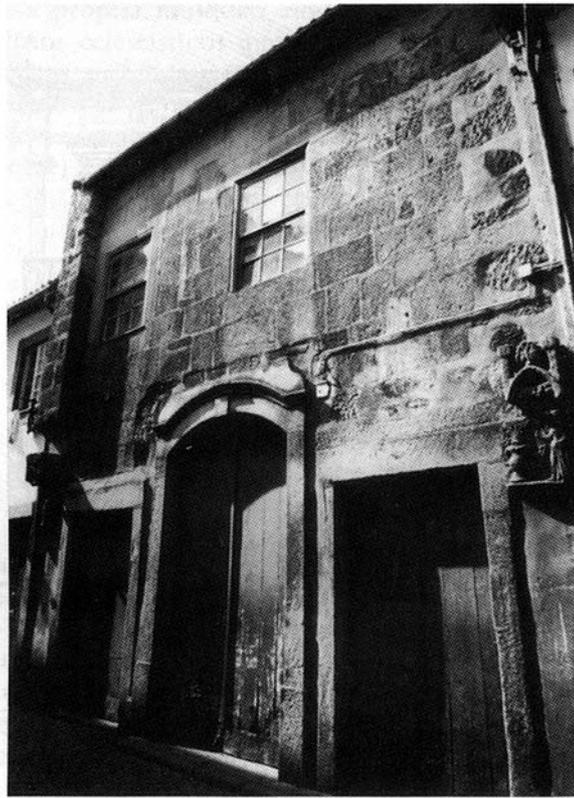
tuoso» de vários dos seus membros. O próprio padre Pascoal Barreto, em discussão, junto ao rio, com Manuel Feijó, deu-lhe dois tiros um dia . . . Agressão de que este veio a falecer pouco depois, na Capela da Vitória, para onde o transportaram pessoas que ali passavam.

Um dos seus sobrinhos, João, matou também um irmão, à traição . . . por ter casado com a humilde filha de um saboeiro. E por fim outro dos irmãos (constou que instigado pelo pai) matou, por seu turno, um cunhado . . .

Destes, o primeiro logo se ordenou «de salto», partindo, a pastorear almas, para paragens distantes — e assim escapando à justiça; e regressando quando o caso já estaria esquecido. Mas no entanto . . . quando o irmão fugiu também, para o Brasil, acompanhou-o . . . O pai é que acabou por ser preso — e morreu na Cadeia da Relação do Porto.

(. . . O que intrigou por último a vizinhança foi nunca se ter sabido o destino dado à fortuna e ao recheio daquela casa «tão rica e tão grave!»).

E para completar este apontamento sobre um local assim rico de História, de lendas . . . e de crimes, ainda lhe acrescento duas achegas: uma, sobre arte, relativa aos dois nichos da pequena e idosa fachada da precisamente nomeada «Casa dos Nichos», como que adormecida mais



A «Casa dos Nichos».

além. Não sei a quem pertencia dantes, nem conheço qualquer facto destacado que nela ocorresse. Sei apenas que, ladeando a entrada, aquelas figuras das mísulas são bem curiosas. Que o conjunto da fachada é bem curioso . . . Sejam as imagens realmente da Virgem e de um anjo ou não . . .

A outra achega é de ordem bem diversa! Tem repercussão, ainda, no nosso dia-a-dia.

Na focada rua, enfim, existia por 1881 o armazém de um negociante do Porto, Francisco José de Araújo, onde, na altura, este guardara grande porção de urze seca para a estivagem dos navios — e cerca de 400 sacas de enxofre. Ali se ateou um incêndio, a 25 de Abril . . . Soprava vento forte, e os Bombeiros Municipais, com este obstáculo aos seus esforços, e ainda com os asfixiantes vapores do enxofre, temeram não obstar, sozinhos, ao alastrar do fogo. Pelo que chamaram em seu socorro os bombeiros do Porto.

... Que porém não chegaram a pôr-se a caminho. Porque vários populares, aqui, dirigidos até pelo então director das Obras Públicas na urbe, se organizaram prestando eficaz ajuda...

Durou o trabalho das 6 ou 7 da manhã às 5 da tarde. Depois... depois, disto resultou a constituição de outra corporação de bombeiros em Viana. A dos Voluntários. Tendo primeiro, como presidente, Boaventura Vieira e João Tomás da Costa³⁷ (aquele director das Obras Públicas que colaborara no ataque ao incêndio) como vice-presidente.

*

No termo da arcaria da enfiada de casas «cujos baixos pertenciam ao público e os altos ao particular», atrás citadas, ficava a também já mencionada Capela da Vitória, edificada quando reinava D. Pedro II. Foi por 1910, quando dos vários desacatos ocorridos no advento da República, desafectada... (e nela chegaram a guardar cavalos da Guarda, segundo



A Casa dos Barcos.

³⁷ Como o primeiro morresse cerca de um ano volvido, tomou então o segundo o seu lugar. A folha *O Imparcial* de 20 de Julho de 1884 dedica-lhe todo o seu espaço. Algarvio, encaminhara-o para aqui a sua carreira, e aqui constituiu família. Dedicou-se de veras ao meio. Deu muito do seu esforço à estrada para Ponte de Lima. Imaginou um cabo de

ainda alguns contam. . .). O seu belo altar, no entanto, acha-se hoje bem cuidado na igreja paroquial da Meadela. Em frente, com o seu frontão dotado de certa imponência está a «Casa dos Barcos» onde se recolhiam os da Alfândega. . . e onde os nossos desportistas do remo abrigavam, por fim, os seus, com os demais apetrechos, em dias recentes³⁸.

Ao pé, temos o edifício da Alfândega, feito em 1806, sob D. João VI. Armoriado no cunhal, sem primores de decoração no todo.

Mas mais próximo do rio, então, tal como as anteriores arcarias. Porque um aterro posterior acrescentou largura à margem que tinham. . .

Em frente da Alfândega desenrolou-se um bem trágico espectáculo, um dia, que não deixo também de memorar. Foi a 21 de Setembro de 1838, e constou na penúltima execução capital aqui havida, que se saiba. (A última teve lugar no Campo do Castelo a 22 de Março de 1843, sendo ali enforcado Jacinto José da Silva, de Giela, Arcos, inculpado da morte da mulher, Maria Gaia, grávida, e de um filho de ambos, de 3 anos).

Aqui, a vítima — António Manuel Barreto, o «Antoninho», de 27 anos —, fora acusado de um roubo, na estrada, feito a João Saraiva. Constou, então, que pessoas mais. . . poderosas o teriam, antes, cometido; mas foi sobre ele, que para mais aparentava até uma certa apatia mental, que o fizeram recair.

Constou igualmente que no último momento, compreendendo o que o esperava, o rapaz quis ainda clamar que estava inocente do crime! Mas logo o padre que o acompanhava lhe abafou o impulso: «Meu filho, meu filho, não percas agora o valor da tua expiação!» — E a corda cingiu-lhe o pescoço. . .

(Aliás o mais cruento epílogo do caso, decretado no julgamento, ainda foi dispensado, seguidamente).

Foi sepultado o «Antoninho» no pequeno adro da igreja das Almas. Sobre a sua campa alguém mantinha sempre acesa uma tímida lâmpada; nunca o povo o teve por culpado. . . E conta-se que uma noite, quando Camilo Castelo Branco, depois de passar o serão com os seus amigos Barbosa, por ali passava a caminho de S. João d'Arga, um gemido, vindo «do chão dos mortos», fê-lo parar, «gelado de pavor». Depois, outros gemidos o atraíram. . . e viu então um vulto negro, prostrado, que, presentindo-o, com voz baça explicou: Eu sou a mãe do Antoninho. . .³⁹.

vai-vem para socorros a naufragos que teve muito sucesso. A diversos salva-vidas deram já o seu nome. . .

³⁸ Na pequena travessa entre estes dois edifícios, numa casa baixinha, moraram dois artistas do nosso meio: ele, o conhecido aquarelista Mário Emílio Teixeira Lopes; a mulher, a ceramista Maria de Lourdes Carteador.

³⁹ Ver *O caso do Antoninho*, de Amadeu Costa.

*

Mas basta, por momentos, de recordar estas cenas que há tanto tempo se esfumaram . . . que há tanto tempo o vento levou! Volto pois a acercar-me do Lima — que ainda corre como corria, espelho de gaivotas, cobioso do largo.

. . . E embora, de novo aqui, e talvez ainda mais que há pouco, é o seu passado que se impõe, em cenário velho. Não piso chão empedrado, mas sim pequenos areais, ao nível da água. Que se estendem por aí acima em contornos irregulares, com seixos, com limos preguiçosos. Onde se empilham, por vezes, tábuas para pequenas embarcações a construir.

Que o futuro, então, é nas navegações a empreender que se alicerça já. As praias irregulares serão pouco a pouco, sucessivamente, ou não, absorvidas por cais — que o comércio com outros países cobrirá com mercadorias diversas . . . Antes, mesmo, de se estabelecer no Porto qualquer feitoria inglesa já uma toma assento em Viana. Daqui se exporta o primeiro lote de vinho português para Inglaterra . . . ⁴⁰.

Corre o Lima para o mar. E do mar, pois haverá a urbe a importância de que goza seguidamente.

(Termina no próximo volume)

⁴⁰ Ver *O porto de Viana do Castelo na época dos descobrimentos*, do dr. Fernandes Moreira.